

FAMÍLIA, ETNIA E CLASSE SOCIAL: PROBLEMAS METODOLÓGICOS NO ESTUDO DOS JUDEUS DA EUROPA ORIENTAL NAS AMÉRICAS

KOSMINSKY, ETHEL VOLFZO

97ST1211

Resumo Através do estudo de caso da minha família, que da Ucrânia imigrou para o Brasil e para os Estados Unidos, no começo do século, foi possível verificar como o processo migratório foi coletivista, isto é, centrado na família, na etnia e na classe social. Dentro da perspectiva cross-cultural, observou-se que as sociedades receptoras condicionaram de forma diferenciada questões como a ascensão social, o anti-semitismo, os conflitos intra-familiares, o desenvolvimento da religião judaica e de organizações comunitárias. A isso acrescentou-se a diferente receptividade dada aos imigrantes, o que conduziu a processos de adaptação igualmente diversos. Introdução A partir da pesquisa Judaísmo e Imigração: A História de uma Família(1), apresentaremos algumas reflexões sobre o processo migratório de judeus da Europa Oriental para o Brasil e Estados Unidos. O referido trabalho compreende um estudo comparativo da experiência vivenciada por uma família de judeus, procedente de Proskurov, atual Khmelnytskyi, Ucrânia, que imigrou para o Brasil e para os Estados Unidos, a partir da virada do século. No primeiro país, os imigrantes se estabeleceram nas cidades de Recife e Natal; e no segundo, nas pequenas cidades do Estado de New Jersey. A escolha da família Feldman, o sujeito da pesquisa, deve-se à facilidade de contato que a pesquisadora mantém com a mesma, em razão de ser descendente de um dos membros da família, ou seja, de pertencer à segunda geração nascida no Brasil. A família é aqui tratada como um estudo de caso sociológico(2). Os dados primários da pesquisa abrangem as histórias de vida da segunda geração, isto é, os filhos dos imigrantes nascidos nos Estados Unidos e no Brasil. Além das suas próprias vidas, eles relataram as experiências de seus pais em ambos os continentes. Os filhos dos imigrantes foram entrevistados em suas casas, em diversas localidades de New Jersey. No Brasil, a segunda geração foi entrevistada em Recife e no Rio de Janeiro, onde residem. Os dados secundários compreendem fotos e documentos dos imigrantes e dos seus filhos. Os documentos mais significativos são as listas de passageiros de navio, arquivadas no United States National Archives, em New York e em Washington, DC. As listas contêm, entre outras informações, a data de chegada e o local de procedência do imigrante. No Brasil, os imigrantes desembarcaram na cidade de Recife, onde viveram alguns anos. A ida ao Arquivo Portuário da Administração do Porto de Recife mostrou-se completamente inútil. Os dados de chegada de imigrantes no porto de Recife, entre os anos de 1900 e 1920, haviam se desintegrado em razão do armazenamento inadequado.

A natureza coletivista do processo migratório: algumas considerações

A compreensão do papel exercido pela família no processo migratório, tanto dos judeus, quanto de qualquer outro grupo imigrante requer algumas considerações iniciais. Os primeiros estudos de imigração nos Estados Unidos sublinharam os aspectos alienantes da migração de áreas rurais ou de pequenas cidades para as cidades industrializadas. Eles partiram do princípio de que a estabilidade familiar e o consenso eram as normas e que a imigração ocasionou o seu rompimento. A historiadora Virginia Yans-McLaughlin, na sua pesquisa sobre os imigrantes italianos em Buffalo, assumiu uma outra posição. Ela observou que, as famílias dão apoio emocional, prático e financeiro durante a crise da imigração e muito tempo depois. Além disso, permanecer fora da família não constituía uma opção realista e livre de problemas e ansiedade para esses imigrantes (Cf. Yans-McLaughlin, 1982: 20, 21).

Yans-McLaughlin mostrou como a família italiana tradicional transformou-se a si própria, isto é, adaptou-se à vida urbana, permanecendo culturalmente folk. Baseando-se em estudos realizados por cientistas sociais, entre os quais antropólogos, a autora aponta a tradição familiar como elemento facilitador da mudança social. É a tradição familiar que continua a comandar a satisfação das necessidades humanas básicas, mesmo nas sociedades modernas. A mudança social não implica necessariamente na dissolução de formas de família

tradicional, mas na adaptação de uma instituição para outra. A relação entre modernidade e tradição não é nem dicotômica, nem linear e sim, dialética. Dentro dessa abordagem, a família é uma organização flexível que, enquanto se adapta a novas condições sociais, pode continuar a depender de formas e meios de relacionamento tradicional (Cf. Yans-McLaughlin, 1982: 22,23).

Na transição do Velho para o Novo Mundo, a família desempenhou um importante papel como unidade econômica, principal agente socializador e encarregada das tradições. A família tinha seu próprio poder para proibir, opor ou se adaptar a uma variedade de pressões sociais. Diferentes sistemas de família, além disso, parecem ter capacidades diversas para manter-se quando defrontam-se com pressões. Urbanização, imigração e industrialização não têm o mesmo impacto em todas as pessoas e em todos os lugares, assim como, interações entre etnicidade, classe e família dependem de um determinado período de tempo e de diferentes contextos sócio-econômicos. Daí, a necessidade de estudos comparativos de diferentes grupos de imigrantes em diferentes cidades (Cf. Yans-McLaughlin, 1982: 24).

Além dessas novas considerações a respeito do papel desempenhado pela família, os estudos recentes de imigração acentuaram a sua importância. Esses trabalhos enfatizam a natureza coletivista do processo de migração do Sul e do Leste da Europa para os Estados Unidos, na virada do século. Contrapondo-se à ênfase individualista dos primeiros estudos, mostram o caráter social embutido nesse processo, apoiado pela família e pela comunidade. As decisões que conduziram à migração, assim como a transposição propriamente dita ocorreram, regularmente, através de cadeias de rede de relações sociais, que se estendiam do lugar de origem para o destino nos Estados Unidos. De acordo com um estudo realizado pelo U.S. Immigration Commission, em 1908-1909, cerca de 60% dos imigrantes procedentes do Sul e do Leste da Europa declararam que a sua passagem foi conseguida por imigrantes que já se encontravam no país. Um número maior de imigrantes dirigiu-se para os lugares onde era esperado por parentes e conhecidos de suas pequenas cidades e aldeias natais. As dez maiores cidades do Nordeste e do Meio-Oeste absorveram a maior parte dos recém-chegados (Cf. Morawska, 1990: 194).

Sendo o processo de migração uma troca continuada entre segmentos interrelacionados de um sistema extenso e unificado, a abordagem coletivista, nascida dessa perspectiva, trabalha para a frente, do local de origem do imigrante para os Estados Unidos, quando eles se prepararam para partir e quando chegaram, e para trás, em direção à localidade natal, quando eles já se encontravam nos Estados Unidos. As pesquisas mostraram que os imigrantes, temporários ou permanentemente estabelecidos no país, mantiveram um contato estreito com a sua família e amigos que ficaram em casa. A abordagem coletivista enfatiza as fontes de apoio do grupo do qual os imigrantes são membros: família, etnia e classe (Cf. Morawska, 1990: 196).

O coletivismo, como uma estratégia de adaptação em geral, e os enclaves étnicos, como uma forma particular, ajudaram a incorporação dos imigrantes na sociedade receptora de duas maneiras ou fases: primeiro, no período inicial da sua adaptação, quando a sobrevivência e a supressão das raízes constituíam a sua principal preocupação, e mais tarde, quando a incorporação progressiva envolvia um avanço sócio-econômico para os imigrantes e suas famílias.

Tão logo os primeiros imigrantes tivessem conseguido se estabelecer na economia local, através de um ofício específico ou de um serviço, o enclave étnico providenciava o que os próximos imigrantes, segundo o padrão de migração em cadeia, precisavam mais: empregos, assim como, uma rede de relações sociais informais e fontes organizadas necessárias para se encontrar um emprego melhor. Essa foi a forma como os japoneses e chineses entraram na economia norte-americana, na Costa Oeste, um século atrás. Na Costa Leste, na Cidade de New York, 90% dos proprietários da indústria de confecções, na virada do século, eram judeus, na sua maioria alemães. Essa indústria funcionou como um extensivo enclave étnico que absorveu milhares de judeus imigrantes da Europa Oriental, que chegaram através de um padrão de migração em cadeia, baseado no parentesco, nos contatos pessoais e na complexa rede de *Landsmannschaften*(3) e outras instituições sociais de apoio, que providenciavam empréstimos e informações sobre emprego (Cf. Morawska, 1990: 203).

O sistema de trabalho da indústria de confecções pagava ao imigrante salários mais baixos do que o salário médio recebido pelos trabalhadores estrangeiros na cidade, mas, permitia-lhe colocar mais membros de sua família para trabalhar, inclusive as crianças, e observar os feriados judeus (Cf. Morawska, 1990: 203). Enquanto os imigrantes judeus da Europa Oriental permaneceram como operários da indústria de confecções - é o caso, por exemplo, da Cidade de New York - a sua etnicização coincidia com a sua proletarização. Os

estudos sobre os grupos judeus dedicados às atividades intermediárias, mostraram, no entanto, uma conexão entre classe e os interesses étnicos da camada burguesa (Cf. Morawska, 1990: 215).

A perspectiva cross-cultural nos estudos migratórios

Como a experiência imigratória da família Feldman abrangeu os Estados Unidos e o Brasil, a perspectiva adotada é a comparativa, pois, implica numa comparação sobre a inserção dos imigrantes em diferentes sociedades receptoras. Os historiadores norte-americanos que trabalham com migração só nas últimas décadas passaram a se utilizar da metodologia comparativa. Entre esses autores, destaca-se Baily, que usa o conceito de chain migration, para estudar a migração da Itália para a Argentina: Especificamente, nós descreveremos e analisaremos as correntes (chains) que se desenvolveram entre duas aldeias italianas - Agnone e Sirolo - e as comunidades de Agnonesi e Sirolesi em Buenos Aires por volta do século passado (Baily, 1982: 73).

Outros historiadores realizaram estudos comparativos envolvendo mais de um país receptor. Herbert Klein seria o pioneiro desse tipo de pesquisa segundo Boris Fausto (Cf. Fausto, 1991). No seu trabalho, Klein observa que a integração e a mobilidade dos italianos no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos foram e continuam sendo completamente diferentes. O objetivo deste artigo é examinar a natureza destas diferentes experiências de mobilidade e sugerir fatores que explicam a sua evolução. Isto explica um estudo de origem regional dos imigrantes italianos, assim como da sua integração comparativa nas Américas em termos de distribuição ocupacional, mobilidade social e riqueza relativa (Klein, 1989).

Ainda dentro da comparação entre países receptores, vale a pena citar mais um trabalho de Baily sobre os imigrantes italianos em Buenos Aires e New York (Baily, 1983). Em outro artigo, refletindo sobre as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas dentro dessa metodologia comparativa, cross-cultural, Baily discute o que deve ser comparado. Primeiramente, ele levanta as seguintes variáveis: país de origem dos imigrantes, tamanho absoluto do grupo de imigrantes dentro do meio urbano receptor e o período de tempo estudado. Em seguida, ele trata do impacto dessas variáveis naquelas que explicarão as diferentes experiências vivenciadas pelos italianos em Buenos Aires e na Cidade de New York: características dos imigrantes na época da migração, o tipo de meio-ambiente que o imigrante encontra, e as mudanças que a comunidade imigrante experimenta ao longo dos anos. A evidência da atividade econômica, da moradia e das organizações comunitárias dos imigrantes mostram claramente que a natureza e o grau de ajustamento dos italianos em Buenos Aires difere significativamente daquele dos seus compatriotas na Cidade de New York (Cf. Baily, 1990: 248).

Jeffrey Lesser, no seu texto *Imigração Judaica às Américas: Uma Perspectiva Comparativa*, trata da imigração judaica de uma perspectiva cross-nacional e dos imigrantes judeus num contexto cross-urbano. Inicialmente o autor focaliza os padrões de imigração e legislação na Argentina, Brasil e nos Estados Unidos, com algumas referências ao Canadá. Em seguida, observa que a imigração judaica não foi uniforme em termos de classe, ocupação, ou prática religiosa, e que somente a compreensão dessas variáveis no momento de saídas dos imigrantes é que permitirá o entendimento da vida judaica em São Paulo, New York e Buenos Aires (Lesser, 1993: 1).

O procedimento metodológico adotado no estudo da família Feldman é o cross-cultural, em que um grupo imigrante, da mesma origem, será comparado entre si, considerando-se as duas diferentes sociedades receptoras.

O processo migratório para os Estados Unidos e para o Brasil: o caso da família Feldman

O processo de adaptação dos Feldmans será analisado levando-se em consideração o funcionamento da cultura étnica tradicional durante o período de transição enfrentado pela primeira geração. Por adaptação, entendo uma fase específica do processo de imigração. Todos os imigrantes, quer permanentes ou temporários, tinham que se ajustar de alguma forma ao novo meio-ambiente. Para isso, eles precisavam encontrar um trabalho, um lugar para viver, e amigos para formar associações de proteção mútua. Como ocorreu a adaptação dos Feldmans e seus descendentes em cidades situadas em diferentes países?

Com a finalidade de apresentar alguns dos resultados preliminares desta pesquisa, compararemos os seguintes aspectos: o processo de migração para os Estados Unidos e para o Brasil, destacando a migração judaica; a experiência de trabalho dos imigrantes nas duas sociedades; o relacionamento entre os imigrantes judeus e outros grupos étnicos; o relacionamento familiar dentro de cada ramo da família Feldman; as transformações da religião e o surgimento de organizações judaicas nos dois países e a atuação dos Feldmans.

Embora ambos os países ocupem áreas bastante extensas, a imigração para o Brasil foi relativamente reduzida por diversas razões, das quais a mais importante foi a competição com a mão de obra escrava. Os Estados Unidos, pelo contrário, foi a maior sociedade receptora das Américas. De 1871 a 1920, 20.077.000 imigrantes entraram neste país, enquanto que 3.166.000 imigrantes foram para o Brasil, de 1880 a 1920 (Cf. Nugent, 1992). O período da imigração em massa, nos Estados Unidos, persistiu até 1924, e no Brasil, somente até 1914.

A migração judaica da Europa Oriental para os Estados Unidos começou muito mais cedo, contando com um fluxo muito maior de pessoas do que o Brasil. De 1881 a 1924, 2.650.000 imigrantes judeus chegaram nos Estados Unidos procedentes dos países da Europa Oriental (Cf. Metzker e Golden, 1971). Durante o mesmo período, somente 18.889 imigrantes judeus entraram no Brasil. O maior fluxo para o Brasil ocorreu entre 1926 e 1942, quando 49.947 imigrantes judeus aqui chegaram, procedentes na sua maioria da Polônia (Cf. Lesser, 1995).

A migração dos Feldmans ocorreu entre 1900 e 1914. Por volta do século, a família Feldman incluía: Bella Feldman, uma viúva, e seus filhos: Fishel, Herz, Dvoira, Isaac, Malke, Gittel, e Rachel. Malke era a minha avó. Eles emigraram da Ucrânia, no Império Russo, de uma região pertencente à área restrita de residência(4). Como muitos imigrantes, eles partiram uns após os outros em uma migração em cadeia, acarretando a fragmentação da família. No entanto, devido às difíceis condições de vida na área restrita de residência, os membros da família já viviam à parte, antes da emigração. Assim, Fishel e seu irmão Herz partiram de Kupil, Ucrânia. Fishel foi para Elizabeth, New Jersey, em 1900, reunindo-se aos seus primos, que trabalhavam no negócio de ferro-velho. Herz foi para a Cidade de New York, em 1901. A irmã, Dvoira, emigrou da Província de Gubernia, Ucrânia, para a Cidade de New York, em 1907.

Isaac foi o primeiro Feldman a migrar para o Brasil. Depois de ter trabalhado no negócio de salmão, na Mandchuria, ele emigrou para Recife, provavelmente, antes de 1910 (segundo o seu filho, Israel). Jack, o filho mais velho de Herz, contou que Isaac tinha preferido o Brasil em detrimento dos Estados Unidos porque ele não queria ter patrões à sua volta, ele não queria que os seus dois irmãos mais velhos lhe dessem ordens. Bella e suas três filhas mais jovens, Malke, Gittel e Rachel, partiram de Proskurov(5), Ucrânia, em direção a Recife para se reunirem à Isaac. O navio, entretanto, não pode entrar no porto devido à uma epidemia de febre amarela. A família seguiu viagem para Buenos Aires, Argentina, onde viveram por algum tempo. Provavelmente, em 1912, Bella e suas filhas, Leon, o noivo de Malke, e Berta, a noiva de Isaac, mudaram-se para Recife, onde se juntaram a Isaac (de acordo com as entrevistas). Bella e suas filhas, Gittel e Rachel, não ficaram por muito tempo em Recife. Elas emigraram para Elizabeth, New Jersey, em 1914. (Informação obtida da lista dos passageiros de navio, do United States National Archives).

Todos os imigrantes mudaram seus nomes nos Estados Unidos, com exceção de Bella. Assim, Fishel tornou-se Philip; Herz, Harry; Dvoira, Dora; Gittel, Gussie; e Rachel, Rose. No Brasil, somente Malke passou a se chamar Maria. De agora em diante, eles serão referidos pelos seus novos nomes.

A grande maioria dos imigrantes para os Estados Unidos, inclusive os imigrantes judeus, para lá se dirigiram em um processo chamado migração em cadeia (chain migration). A imigração dos Feldmans para os Estados Unidos seguiu o padrão dominante. Philip Feldman pagou as passagens dos seus irmãos e mãe. No Brasil,

uma grande parte dos imigrantes aqui chegaram através de passagens pagas pelo Governo, que dessa forma atraía imigrantes italianos e japoneses para trabalhar nas plantações de café. Alguns judeus da Europa Oriental tiveram também as suas despesas de transporte pagas pela Jewish Colonization Association. A maioria, porém, imigrou em cadeia. Isaac pagou as passagens para a sua mãe e irmãs deixarem a Ucrânia em direção ao Brasil.

A família Feldman, na Argentina, seguiu o padrão descrito por Haim Avni. Houve um movimento migratório constante: muito judeus deixaram o país e imigraram para os Estados Unidos e mesmo para o Brasil (Cf. Avni, 1983). Bella Feldman, por exemplo, pode ter estado com parentes em Buenos Aires, que a receberam depois que o seu navio não pode aportar em Recife, devido à epidemia de febre amarela. Embora a família Feldman tivesse se dividido em dois grupos, o seu processo migratório foi baseado no apoio financeiro e emocional dos seus membros, de forma semelhante àquela descrita por Virginia Yans-McLaughlin na sua pesquisa sobre as famílias italianas imigrantes (Yans-McLaughlin, 1982). Philip, o filho mais velho, costumava enviar, periodicamente, 5 dólares para sustentar a sua mãe e irmãs, enquanto elas ainda estavam na Ucrânia. Philip enviou as passagens de navio para os seus irmãos deixarem a Europa rumo aos Estados Unidos, e mais tarde, pagou as passagens para a sua mãe e as suas duas irmãs mais novas partirem do Brasil em direção aos Estados Unidos, em 1914. Isaac, o filho que havia imigrado para o Brasil, pagou o transporte de sua mãe e irmãs mais jovens da Europa para o Brasil. O primeiro trabalho de Philip foi em Elizabeth, no comércio de ferro-velho do seu primo. Ele casou-se em Elizabeth com a sua prima Tilly, nascida nos Estados Unidos.

Enquanto a primeira geração ainda vivia, eles se comunicavam, através de cartas em Ídiche, e trocavam fotos, entre os Estados Unidos e o Brasil. Encontrei uma carta escrita por Isaac para a sua irmã Dora e uma foto do segundo casamento de Isaac. Descobri então que, enquanto ele estava em Buenos Aires, ele havia se divorciado de Bertha, casado com a moça da foto, divorciado novamente, e casado com Bertha outra vez. Na década de 50, depois de 50 anos sem se verem um ao outro, Isaac foi para Elizabeth visitar os irmãos. Philip, provavelmente, pagou pela sua passagem de Recife para Elizabeth.

A ligação entre os dois ramos da família se tornou mais difícil para a segunda geração, quando o Ídiche foi substituído pelo Inglês e Português. Entre a primeira geração brasileira, Rosita, a filha mais velha de Maria, é a única que pode falar um pouco de Ídiche. Viajando para os Estados Unidos, no fim dos anos 50, ela visitou os primos norte-americanos. Eles também não conseguiam falar muito em Ídiche. A ligação entre os dois grupos se tornou mais forte na terceira geração, devido ao fato do Inglês ter se tornado uma língua universal e, especialmente, através do desenvolvimento desta pesquisa.

A vida dos Feldmans nos Estados Unidos e no Brasil

De acordo com algumas pesquisas, os imigrantes judeus da Europa Oriental encontraram maiores dificuldades para ascender socialmente nos Estados Unidos do que no Brasil. Como os Estados Unidos já era uma sociedade industrializada, no século passado, a maioria dos judeus, ao entrar nas grandes cidades como New York, foi trabalhar nas oficinas de confecção ganhando baixos salários. Outros se tornaram vendedores ambulantes. Aos poucos, eles conseguiram abrir suas pequenas oficinas (Metzker e Golden).

Na década de 20, o Brasil necessitava de comerciantes e de trabalhadores especializados para as suas nascentes indústrias. Como decorrência, os judeus da Europa Oriental se tornaram vendedores ambulantes, vendendo a crédito, e artesãos que abriram pequenas lojas de roupas, de sapatos e de móveis. Posteriormente, eles instalaram fábricas de bens de consumo e participaram também da criação da indústria pesada. Embora a maioria dos judeus que imigrou para o Brasil fosse muito pobre, em duas gerações, muitos conseguiram alcançar posições de riqueza e de prestígio. Os imigrantes sírios-libaneses tiveram a mesma experiência de ascensão social (Cf. Rattner, 1970 e 1987).

Os Feldmans seguiram os usuais padrões de ocupação profissional em ambos os países, embora a sua atividade em New Jersey fosse um tanto quanto diferenciada. Philip foi trabalhar no comércio de ferro-velho com os seus primos, em Elizabeth. Mais tarde, ele chegou a ter o seu próprio estabelecimento, sempre neste ramo. Harry comercializava também com ferro-velho. Dora trabalhou em uma fábrica de cigarros em Newark. Ela se casou com um homem muito pobre. Eles eram muito pobres (segundo a sua filha, Goldie). O marido de Dora também abriu o seu próprio estabelecimento de ferro-velho, onde ele trabalhava com a sua esposa e filhos. A situação financeira deles só melhorou durante a Segunda Guerra Mundial. Philip conseguiu a maior parte do seu dinheiro naquele tempo (Goldie).

As irmãs mais novas, Gussie e Rose, trabalharam em lojas, em Elizabeth. Gussie casou-se com um peleteiro e juntos abriram uma loja de peles, em Elizabeth. Rose casou-se com um vendedor, que vendia farinha de trigo aos donos de padarias. Harry, Gussie, Rose e suas famílias tentaram sem sucesso melhorar de vida na Califórnia. Como não tiveram resultado, voltaram para New Jersey. Posteriormente, Rose abriu a sua própria loja de roupas em Newark.

Maria nunca trabalhou no Brasil. Ela cuidava da casa e dos filhos. Leon, seu marido, trabalhou primeiro como vendedor ambulante e, então, fundou uma loja que vendia tecidos por atacado, em Recife. Ele se tornou rico. Contudo, com a crise econômica de 1929, ele teve que fechar a sua loja. Ele, Maria e as crianças mudaram-se para Natal, uma cidade menor do que Recife, onde ele já tinha alguns interesses comerciais. Uma vez lá, ele abriu uma loja e uma pequena fábrica de móveis. Isaac não foi tão bem sucedido quanto Leon. Ele trabalhou como vendedor ambulante em Recife. Em seguida, mudou-se com a sua família para São Luís, no Maranhão. Mais tarde, emigraram para Buenos Aires, onde enfrentaram bastantes dificuldades financeiras. Retornaram para o Brasil, reunindo-se à família de Maria, em Natal. Mudaram-se, então, definitivamente para Recife. Isaac abriu uma pequena loja em Jaboatão, uma pequena cidade próxima a Recife. No começo da década de 50, a maior parte da segunda geração (os filhos dos imigrantes), começou a mudar-se para o Rio de Janeiro, como parte do movimento migratório geral para o sul do país. No Rio de Janeiro, eles encontraram uma cidade maior e mais desenvolvida, e uma população judaica relativamente grande.

Nos Estados Unidos, o anti-semitismo restringiu para os imigrantes judeus da Europa Oriental a possibilidade de acesso a melhores trabalhos. Até os anos 20, por exemplo, os judeus tinham dificuldades de conseguir empregos em escritórios (colarinho branco) ou trabalhos como professores no sistema educacional de New York (Metzker e Golden, 1971; Moore, 1981). A vida não foi muito diferente para a segunda geração Feldman. Goldie, a filha de Dora, relembra que havia um pequeno anti-semitismo na escola primária, em Elizabeth. Elas (as crianças não-júdas) pensavam que o meu pai era rico porque ele tinha um estabelecimento de ferro-velho e se ressentiam disso, elas não gostavam disso. Sol, o filho de Rose, lembra-se da sua infância em Linden, New Jersey: Quando eu era uma criança, havia um tremendo anti-semitismo. Eu tinha 7 anos de idade e, depois da escola, eles me pegaram e jogaram-me no parque coberto de gelo. Eles me chamavam de `Kike, `Sheeny. Como eu pareço um italiano, eu costumava pronunciar o meu nome como Sal, e assim, eu me sentia um pouco melhor.

O anti-semitismo tornou-os um grupo mais coeso e mais isolado. Mesmo entre aqueles que não tinham experimentado anti-semitismo diretamente, como Jack, filho de Harry, mostraram uma tendência para ter somente amigos judeus. Cresci em Boonton, New Jersey. Os meus maiores amigos eram dois meninos judeus. Eu tinha alguns conhecidos no colégio, que não eram judeus, mas isso porque a comunidade judaica era muito pequena, somente 25 famílias.

Em contraste, a pequena presença de judeus no Nordeste brasileiro levou os Feldmans e outros judeus a desenvolver uma relação próxima com não-judeus. De acordo com Rosita, a filha mais velha de Maria, a sua mãe tinha amigos não-judeus entre os vizinhos, em Recife. Rosita e seus irmãos tinham também amigos não-judeus na escola e na vizinhança. O mesmo aconteceu em Natal, para onde a família se mudou.

O anti-semitismo não constituiu um problema no Nordeste do Brasil, talvez devido ao pequeno número da população judaica ou porque o catolicismo liberal tivesse incorporado outros rituais religiosos (Freyre, 1987). Eu penso que eles não sabiam realmente o que os judeus eram, gracejou Anita, a segunda filha de Maria. Contudo, Rosita lembra-se que os seus amigos da escola, quando queriam aborrecê-la, chamavam-na de turca. Talvez as crianças não-júdas não conseguissem distinguir entre os dois grupos de imigrantes. Como a imigração sírio-libanesa foi mais antiga e os imigrantes portavam passaportes turcos, eles se tornaram conhecidos como turcos. Sarita, uma outra filha, relembra uma professora que, durante uma aula, disse que os

judeus mataram Jesus. Ela ficou muito aborrecida com o fato, mas continuou com os seus amigos não-judeus. De acordo com Noya, o filho de Maria, não importava se os judeus haviam morto ou não Cristo. Não fazia diferença alguma para ele ou sua família. Ele sabia que era judeu, mas não estava tão certo sobre o que isso significava.

Em Natal, a família de Maria pertencia à classe média, embora eles passassem por problemas financeiros, de vez em quando. Natal era uma cidade que dependia da exportação de algodão, com uma pequena camada média e poucas pessoas que sabiam ler e escrever. Dessa forma, a família de Maria (os Volfzons) tornaram-se bem-sucedidos. Leon Volfzon sempre jogava cartas com os políticos no clube local e tornou-se um amigo próximo do Governador do Estado. Ele chegou a receber o título de cidadão de Natal(6).

Contudo, a ausência de anti-semitismo em Natal não pode ser generalizada para outras cidades brasileiras. Jeffrey Lesser, um historiador norte-americano especializado na História dos judeus no Brasil, identifica atitudes de funcionários estaduais e federais, bem como, de alguns jornais e de intelectuais contra estrangeiros, e especialmente, contra judeus. Contudo, seria necessária uma pesquisa sociológica, como por exemplo, sobre relações de vizinhança entre judeus e não-judeus em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, cidades que contêm as maiores comunidades judaicas, para se determinar a extensão do anti-semitismo brasileiro.

A ascensão social não significa somente pertencer à classe média ou acumular riqueza. Ter acesso à educação superior também representa mobilidade social. Em Natal, os filhos mais velhos de Maria foram para a escola pública e os mais novos para a escola privada porque a situação financeira da família havia melhorado. Somente os dois filhos (do sexo masculino) foram para a universidade, em cidades maiores: um se tornou médico e o outro engenheiro. As moças tinham que casar, de acordo com os desejos dos seus pais, mas Rosita, a filha mais velha, frequentou um curso de contabilidade. Ela também foi a única, entre as suas irmãs, que trabalhou, ajudando o seu pai na loja de móveis. Israel, o único filho de Isaac, foi para a universidade em Recife, tornando-se arquiteto.

Em New Jersey, os imigrantes enfrentaram uma situação muito diferente. Tanto os rapazes quanto as moças tinham que ajudar a família no trabalho. Não havia dinheiro para enviar jovem algum à universidade. Entre a primeira geração nascida nos Estados Unidos, somente dois foram para a universidade. Jack, o filho de Harry, terminou o curso de Direito, mas nunca fez o exame da ordem, nunca se tornou advogado (segundo Goldie). Entre os filhos de Dora, apenas Goldie, a mais nova, foi para a faculdade. Assim, os primos brasileiros tiveram, proporcionalmente, mais fácil acesso à faculdade do que os primos norte-americanos.

Solidariedade e conflito dentro da família Feldman

Nos Estados Unidos, o jornal Jewish Daily Forward publicou cartas de imigrantes judeus e de seus filhos que mostravam a existência de graves conflitos dentro da família (Metzker e Golden, 1971). A Bintel Brief (Carta ao Editor) revelou o stress da vida do imigrante em New York. O relacionamento entre os membros da família Feldman apresentou tensões semelhantes. Sue, a filha mais velha de Dora, relatou que a sua avó, Bella Feldman, que vivia com eles, se queixava a respeito do tio Philip: Ele era tão ruim e tão rico que eu tive que ir na justiça com a minha avó para pedir ao juiz que o obrigasse a dar 5 dólares por semana. Ele não queria ajudar. Philip era o patrão de toda a família, segundo a sua filha Sis. Todo o mundo tinha medo dele. Ele era muito autoritário. Ele comprou diamantes para a minha mãe, mas ele não queria dar para ela dinheiro algum. Se ela precisasse de alguma coisa, ela tinha que pedir e, então, ele a compraria para ela. Além de outros conflitos, havia solidariedade familiar. Dora, por exemplo, tomou conta dos filhos de Harry, Gussie e Rose, quando os pais foram tentar a vida na Califórnia.

O tipo de conflito descrito acima não aconteceu entre os Feldmans no Brasil. A solidariedade dentro do ramo brasileiro era mais forte, embora Leon tivesse uma postura autoritária, de certa forma semelhante à atitude de

Philip, o patriarca dos Feldmans nos Estados Unidos. Quando Isaac, sua esposa e filho retornaram de Buenos Aires, eles viveram por algum tempo na casa de Maria, em Natal. A mãe e o irmão de Leon viveram até a sua morte na casa de Leon e Maria. Isso foi completamente diferente da experiência vivenciada por Dora. Segundo Goldie, quando Dora imigrou para New Jersey, ela não foi viver com os seus irmãos. Ela foi morar em casa de uma família, a quem ela pagava por cama e comida, em Newark, New Jersey. Os sentimentos de solidariedade de Leon e Maria iam além da própria família. Eles adotaram dois irmãos judeus, cujos pais haviam falecido em Recife. Eles ajudavam sempre os imigrantes judeus, convidando-os para viver com eles, em sua casa. Apesar disso, os filhos de Leon se queixaram do seu autoritarismo. Ele se recusava a dar dinheiro à sua esposa. Neste ponto, o seu comportamento lembra aquele do patrão norte-americano, Philip.

Dados estatísticos apontam que o maior número de divórcios ocorrem entre os cônjuges de casamentos mistos nos Estados Unidos. No Brasil, não dispomos de dados a este respeito. Na geração imigrante dos Feldmans não houve casamentos mistos, nos dois países. Disputas maritais, no entanto, foram mais comuns. No Brasil, Isaac não se deu bem com a sua esposa, Bertha, escolhida pela sua mãe, Bella. Nos Estados Unidos, Gussie divorciou-se do seu marido, que era muito mais velho do que ela (Goldie). De acordo com Barry, seu filho, divórcio, naquele tempo, era muito pouco comum. Ela queria se tornar americanizada e ela conseguiu um Yankee, no seu segundo marido. Os casamentos mistos aconteceram mais tarde na segunda geração: dois casos nos Estados Unidos e um caso no Brasil. Assim, a maior parte dos membros da segunda geração casou-se dentro do grupo étnico.

A participação dos Feldmans em instituições judaicas

Na década de 10, viviam quatro ou cinco famílias judias em Recife, provavelmente. Por volta de 1920, cerca de quinze famílias tentaram organizar uma comunidade (Kaufman, 1991). Leon, o marido de Maria, foi um dos líderes da comunidade judaica, até a sua mudança para Natal, em decorrência da crise econômica de 29. Apenas o Censo de 1940 refere-se à quantidade de judeus que viviam em Natal: em número de 109 pessoas (Wolff, E e F.: 1984). O primeiro serviço religioso, em Natal, foi realizado em 1919 porque até esta data não havia minyan(7). Em 1925, o Centro Israelita do Rio Grande do Norte foi fundado e o seu prédio foi usado como uma sinagoga (Cascardo, 1980). Leon participou ativamente do Centro e da sinagoga desde a sua fundação. Em 1931, ele foi eleito diretor. Maria, em casa, observava os principais feriados religiosos judaicos.

Entre os Feldmans, nos Estados Unidos, somente Dora era ortodoxa. Ela era muito religiosa, tanto quanto a sua mãe Bella. Os irmãos e irmãs de Dora podem ser classificados numa escala entre moderadamente observante e não-religioso. Contudo, mesmo entre os não religiosos, alguns rituais, tais como circuncisão, eram realizados. Todo Pessach e Yom Kippur(8), Dora fazia um grande jantar para toda a família. Ela queria conservar a família unida. Não há documentos sobre a participação de membro algum da família em landsmanshaften (associações). Parece que, somente Harry foi afiliado a uma , quando viveu na Cidade de New York, antes de mudar-se para Boonton, New Jersey. De acordo com Jack, seu filho, Harry conheceu a sua primeira esposa em uma das reuniões da associação a que teria pertencido.

Conclusão

Como conclusão, gostaria de assinalar alguns pontos, salientando que, alguns dos itens têm validade apenas para a experiência dos imigrantes judeus da Europa Oriental, estabelecidos em cidades do Nordeste do Brasil e do Estado de New Jersey, Estados Unidos.

1. A família Feldman imigrou para os Estados Unidos e para o Brasil, em cadeia (chain migration), seguindo o padrão da migração judaica para ambos os países.
2. A migração judaica da Europa Oriental e a adaptação dos imigrantes em ambos os países contaram com o apoio da família e do grupo étnico. A experiência da família Feldman, no Brasil e nos Estados Unidos, é um bom exemplo desse processo.
3. Embora a família Feldman tenha se dividido em dois ramos, o seu processo migratório contou com o apoio financeiro e emocional da família, semelhante àquele encontrado entre os imigrantes judeus da Europa Oriental no Brasil e nos Estados Unidos.
4. Os imigrantes judeus da Europa Oriental encontraram maiores dificuldades para ascender socialmente nos Estados Unidos do que no Brasil; o mesmo sendo válido para a experiência dos Feldmans em ambos os países.
5. Nos Estados Unidos, o anti-semitismo restringiu a vida dos imigrantes judeus da Europa Oriental e dos seus filhos, tornando-os um grupo mais coeso e mais fechado. O que pode ser corroborado pela vivência da família Feldman. Em contraste, o anti-semitismo não foi um problema no Nordeste do Brasil, levando os Feldmans e outros judeus a desenvolver um relacionamento próximo dos não-judeus.
6. No Nordeste do Brasil, a família Feldman (os Volfzons) desenvolveram um relacionamento com os representantes do Estado, semelhante àquele vivenciado pela elite judaica brasileira. O oposto se verificou nos Estados Unidos: membro algum da família Feldman, ou sequer, algum outro imigrante judeu da Europa Oriental, se tornou próximo do poder do Estado, por várias gerações.
7. A família Feldman, no Brasil, pode participar do ethos judaico de acesso à educação superior, através da frequência dos seus filhos à universidade. O que está de acordo com o objetivo fundamental do homem, que é a dedicação aos estudos. As mulheres tinham que casar e não puderam ir para a faculdade. Neste ponto, temos a combinação do primeiro mandamento da Bíblia - a exigência do casamento, atingindo a todos - com os costumes do Brasil de então, especialmente do Nordeste, de que as moças se destinavam ao casamento e não aos estudos. Essa situação foi semelhante àquela encontrada entre a segunda geração de imigrantes judeus da Europa Oriental, e também, entre a segunda geração de sírios-libaneses no Brasil (Cf. Truzzi, 1991). A segunda geração de imigrantes judeus da Europa Oriental enfrentou mais dificuldades para ingressar na universidade, em New Jersey. Eles tiveram que trabalhar para ajudar as suas famílias, o que significava também a persistência dos negócios familiares. Neste caso, não houve a concretização do ethos judaico de ingresso no curso superior.
8. O relacionamento entre os membros da família Feldman nos Estados Unidos mostrou um alto nível de conflito, o que está consoante a experiência vivenciada por um grande número de famílias de judeus da Europa Oriental. Em contraste, o relacionamento dos membros da família no Brasil mostrou mais solidariedade
9. Não há documentos que mostrem a afiliação de membro algum da família Feldman a qualquer landsmanshaft. Parece que, Harry foi membro de alguma, quando viveu na Cidade de New York, antes de mudar-se para Boonton, New Jersey. A segunda geração não pertence, atualmente, a instituição judaica alguma. Alguns membros da segunda geração somente frequentam sinagogas Reformistas (Reform) ou Conservativas (Conservative) durante os mais importantes feriados. Diferentemente, em Natal, Leon ajudou a fundar a única sinagoga da cidade. A maior parte da segunda geração enviou os seus filhos para escolas judaicas. Algumas mulheres da segunda geração frequentam associações femininas judaicas. Apesar dessas diversidades, a segunda geração Feldman no Brasil se aproxima da segunda geração nos Estados Unidos, na medida em que, também frequenta a sinagoga apenas nos grandes feriados.
10. Embora as sociedades receptoras tenham condicionado de forma diferenciada o processo de adaptação dos imigrantes e dos seus filhos, levando-os a diferentes experiências de vida, ambos os ramos da família Feldman mantiveram a condição de pertencimento a um grupo étnico (Seyferth, 1988: 33), o grupo étnico judeu. Esse pertencimento aparece na origem étnica comum e no compartilhar da mesma religião. O processo de assimilação-integração conduziu, como já foi apontado, à formação da pertinência étnico judaico-brasileira e étnico judaico-norte-americana, com as suas peculiaridades próprias.

notas

- 1 A coleta de dados foi realizada graças à bolsa CAPES-Fulbright (de outubro de 1994 a novembro de 1995) e ao auxílio concedido pela FUNDUNESP. Atualmente a pesquisa conta com o apoio do CNPq (bolsa PQ) e com a bolsista PIBIC/CNPq Adriana Regina Medeiros.
- 2 O estudo de caso foi escolhido como instrumento de pesquisa em razão de estar consoante com a proposta metodológica e com o problema de investigação.
- 3 Landsmannschaften são associações de ajuda mútua, fundadas por judeus da Europa Oriental, tendo como base a localidade de origem dos seus membros.
- 4 A área restrita de residência abrangia uma região, onde os judeus eram obrigados a viver sob o Império Russo.
- 5 Proskurov, atual Khmelnytskyi, contava entre seus habitantes com 11.000 judeus, o que correspondia a 49,9% da população total da cidade, no ano de 1900 (Cf. Magocsi, Historical Atlas of East Central Europe).
- 6 Henrique Rattner descreve como a elite brasileira judaica se tornou próxima do poder do Estado, e ao mesmo tempo, conservativa (Rattner, 1987).
- 7 Minyan designa os dez homens necessários para a realização das preces na religião judaica.
- 8 Pessach, a Páscoa judaica, quando se comemora a libertação do povo hebreu da escravidão no Egito. Yom Kippur, o dia mais sagrado da religião judaica, o Dia da Expição.

Bibliografia

- AVNI, H. Argentina y la Inmigración Judía, 1810-1950. Jerusalén: Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea de Jerusalén/AMIA Comunidad de Buenos Aires, 1983.
- BAILY, S. The Adjustment of Italian Immigrants in Buenos Aires and New York, 1870-1914. In: American Historical Review, v. 88, n. 2, abril 1983.
- Chain Migration of Italians to Argentina: Case Studies of the Agnonesi and the Siroleli. In: Studi Emigrazione. Roma: Centro Studi Emigrazione, 1982.
- Cross-Cultural Comparison and the Writing of Migration History: Some Thoughts on How to Study Italians in the New World. In: YANS-MCLAUGHLIN, V. (Org). Immigration Reconsidered. New York: Oxford, 1990.
- CASCUDO, L. da Câmara. História da Cidade do Natal. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.
- FAUSTO, B. Historiografia da Imigração para São Paulo. São Paulo: Sumaré, 1991.
- FREYRE, G. Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. 25 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- KLEIN, H. A Integração dos Imigrantes Italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos. In: Novos Estudos CEBRAP, n. 25, outubro 1989.
- The Integration of Italian Immigrants into the United States and Argentina: A Comparative Analysis. In: American Historical Review, v. 88, n. 2, abril 1983.
- KAUFMAN, T. Etnia, Credo e Nação: Explicações de uma Identidade. Recife: Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 1991.

KOSMINSKY, E. Judaísmo e Imigração: A História de uma Família. São Paulo: Relatório Científico apresentado à FUNDUNESP, mimeo., 1996.

Eastern European Jewish Immigration to the United States and to Brazil: A Comparative Analysis. Trabalho apresentado no Twelfth World Congress of Jewish Studies, The Hebrew University, Jerusalém, mimeo., 1997.

LESSER, J. Imigração Judaica às Américas: Uma Perspectiva Comparativa, São Paulo, mimeo., 1993.

O Brasil e a Questão Judaica: Imigração, Diplomacia e Preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

METZKER, I. e GOLDEN, H. A Bintel Brief. New York: Schocken Books, 1971.

MORAWSKA, E. The Sociology and Historiography of Immigration. In: YANS-MCLAUGHLIN. (org) Immigration Reconsidered. New York: Oxford, 1990.

NUGENT, W. Crossings: The Great Transatlantic Migrations, 1870-1914. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

RATTNER, H. Tradição e Mudança: A Comunidade Judaica em São Paulo. São Paulo: Federação Israelita do Estado de São Paulo e Instituto de Relações Humanas do Comitê Judaico Americano, mimeo., 1970.

Economic and Social Mobility of Jews in Brazil. In: ELKIN, J. e MERKX, G. The Jewish Presence in Latin America. Boston: Allen & Unwin, 1987.

SEYFERTH, G. Imigração e Colonização Alemã no Brasil: Uma Revisão da Bibliografia. In: BIB, n. 25, 1988, p. 3-55.

TRUZZI, O. De Mascates a Doutores: Sírios e Libaneses em São Paulo. São Paulo: Sumaré, 1991.

WOLFF, E. e F. Natal, Uma Comunidade Singular. Rio de Janeiro: Cemitério Comunal Israelita, 1984.

YANS-MCLAUGHLIN, V. Metaphors of Self in History: Subjectivity, Oral Narrative, and Immigration Studies. In: YANS-MCLAUGHLIN, V. (org) Immigration Reconsidered. NY: Oxford, 1990.

Family and Community. Italian Immigrants in Buffalo, 1880-1930. Chicago: University of Illinois Press, 1982.

Kosminsky, Ethel Volfzo
UNESP-Campus de Marília/CERU-USP

XXI Encontro Anual da ANPOCS